



Guia de
true crime

MODUS

OPERANDI

**CAROL MOREIRA
E MABÊ BONAFÉ**

Carol Moreira
e Mabê Bonafé

MODUS

OPERANDI

GUIA DE
TRUE CRIME



Revisão

Iuri Pavan
Luiz Felipe Fonseca
Thais Entriel

Checagem

Rosana Agrella da Silveira

Revisão técnica

Bruno Quintino de Oliveira
(capítulo 3)
Sabrina Lasevitch (capítulo 8)

Pesquisa

Joana Lima Galvão

Consultoria

Cleodon Pedro Coelho
Projeto gráfico e diagramação
Tereza Bettinardi
Lucas D'Ascensão (assistente)

Capa

Anderson Junqueira

Imagens de capa

shutterstock.com | Arvitylaart
(silhueta) / hxdbzxy (sombas sob
janelas) / S_E (sombas) / Gorodenkoff
(presidiário) / Musa_Studio (digitais) /
thebigland (homem com faca)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO
NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M837M

Moreira, Carol
Modus operandi : guia de true crime / Carol Moreira,
Mabê Bonafé. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.
400 p.

Inclui índice
ISBN 978-65-5560-433-7

1. Criminologia. 2. Homicidas em série. 3. Homicidas -
Psicologia. 4. Homicídios em série - Investigação. I. Bonafé,
Mabê. II. Título.

22-77396

CDD: 364.15232
CDU: 364.6:343.611

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

BREVE,
HISTÓRIA

DO TRUE

CRIME

CHARLES MANSON sonhava em ser músico, mas subverteu toda a filosofia hippie de paz e amor e criou uma seita que matou sete pessoas em dois dias, um dos crimes mais bárbaros da história americana. E tudo isso tem a ver com uma música dos Beatles.

David Berkowitz é um assassino em série que matou seis pessoas. Ao ser preso, disse que o cachorro do vizinho — um labrador preto, caso você esteja se perguntando — era um DEMÔNIO DE TRÊS MIL ANOS que o mandou matar as vítimas. Você deve conhecê-lo como O Filho de Sam.

Steven Avery foi preso por estupro e tentativa de homicídio. Um dia fizeram testes de DNA e descobriram que ele era inocente. Só que isso aconteceu apenas dezoito anos depois que ele já estava preso. Ele foi solto e, alguns anos mais tarde, acabou condenado pelo assassinato de outra mulher. Ele afirma que é inocente dos dois crimes e que a polícia armou para cima dele.

O que essas histórias têm em comum? Elas estão inseridas no universo do *true crime*.

Se você está lendo este livro, provavelmente já sabe o que significa *true crime*. Em português quer dizer “crime real” e faz parte de um gênero cada vez mais inserido na cultura pop. Essa categoria se tornou fonte de entretenimento — parece um pouco bizarro falando assim —, e já existem filmes, documentários, séries, podcasts, programas de rádio, livros, blogs e muitos outros tipos de produtos culturais sobre crimes, sendo o homicídio o tipo que em geral atrai mais atenção.

Se você tem curiosidade em saber tudo sobre crimes — o que aconteceu, onde, como, qual o motivo, quem é o assassino, se ele é *serial killer*, como a polícia investigou, se o acusado foi preso, como foi o julgamento, se o caso foi arquivado —, este livro é para você.

As histórias de crimes bizarros estão aos montes por aí e não cansam de despertar enorme curiosidade. O documentário de 2015

que conta a história do já citado Steven Avery (*Making a Murderer*), por exemplo, teve mais de dezenove milhões de espectadores nos Estados Unidos só no mês de estreia. O podcast norte-americano *Serial* virou um fenômeno mundial — um dos mais baixados de todos os tempos, com mais de trezentos milhões de downloads enquanto escrevemos este livro — e recebeu vários prêmios. *Serial* conta a história do jovem de origem paquistanesa Adnan Syed, de 17 anos, acusado de assassinar a ex-namorada, Hae Min Lee, estudante de origem coreana de 18 anos, que desapareceu em Baltimore, nos Estados Unidos, no dia 13 de janeiro de 1999.

Quase um mês depois, o corpo da jovem foi encontrado em um parque da região. Adnan Syed foi preso e acusado de tê-la assassinado. Ele jurou inocência, mas foi condenado à prisão perpétua. A história intrigou a jornalista Sarah Koenig, que decidiu investigar o caso e refletir sobre como Syed tinha sido representado no tribunal. Ela transformou esse trabalho em um podcast documental de doze episódios. Apesar de não chegar a uma conclusão sobre a inocência ou não de Adnan, o podcast chamou atenção da sociedade o suficiente para que o caso fosse reaberto e o condenado ganhasse uma nova chance de liberdade no tribunal. Apesar disso, Adnan Syed, hoje com 40 anos, permanece preso.

As podcasters americanas Karen Kilgariff e Georgia Hardstark, do *My Favorite Murder* — que conta crimes reais com um toque de humor —, fizeram muito dinheiro falando do tema. Elas já faturaram mais de quinze milhões de dólares com o podcast e derivados e, em 2020, acabaram ficando em segundo lugar na lista da *Forbes* de podcasters que mais lucraram com seus programas!

Além de muita audiência, produções de *true crime* podem ainda ajudar a solucionar crimes. Filho de um magnata do mercado americano de Nova York, Robert Alan Durst foi acusado de matar a esposa, uma amiga e um vizinho. O documentário em

série sobre a vida do bilionário, *The Jinx: The Life and Deaths of Robert Durst*, acabou ajudando a polícia a finalmente prendê-lo. Mas como? Então...

A esposa de Robert desapareceu em 1982, mas o corpo nunca foi encontrado. Em 2000, as investigações foram reabertas, e uma amiga de Robert, Susan, foi morta logo antes de dar seu testemunho sobre o caso. Como ela era filha de mafiosos, a polícia concluiu que tinha sido morta pela máfia.

Mas a história não acaba aí. Um tempo depois, Robert se fingiu de mulher para se esconder e matou um vizinho, jogando o corpo na baía de Galveston em sacos de lixo. A cabeça da vítima nunca foi encontrada. Apesar disso, seus advogados alegaram legítima defesa e ele foi absolvido.

Antes de filmar o famigerado documentário, o diretor Andrew Jarecki tinha feito um filme de ficção sobre a vida de Durst chamado *Entre Segredos e Mentiras* (2010), com Ryan Gosling e Kirsten Dunst no elenco. Depois de assistir ao filme, o bilionário ligou para o diretor oferecendo uma entrevista. Essa conversa se somou a várias outras e acabou virando o documentário *The Jinx*, que estreou na HBO em 2015.

E agora vem o mais doido dessa história, que é o motivo de o documentário ter ajudado a finalmente prender Robert Durst. Durante um intervalo de gravação, depois de pressionado a falar mais sobre os crimes, Durst foi ao banheiro e, sem saber que continuava com o microfone funcionando preso à roupa, disse: “Que diabos eu fiz? Matei todos eles, é claro.” SIM, ELE CONFESSOU sem saber que estava sendo ouvido e gravado.

Assim, em 2015, aos 71 anos de idade, antes de o último episódio ir ao ar, Robert Durst foi preso. Entretanto, só três anos depois o juiz considerou ter provas suficientes para que ele fosse a julgamento pela morte de Susan.

No dia 22 de outubro de 2021, durante seu julgamento, Robert confessou todos os crimes — segundo ele, matou a melhor amiga, Susan, e o vizinho em legítima defesa. Foi condenado à prisão perpétua, sem possibilidade de liberdade condicional.

Aqui no Brasil, o podcast *Projeto Humanos* ficou muito famoso com a temporada do “Caso Evandro”, que conta a história do desaparecimento do garoto Evandro Ramos Caetano, de 6 anos.

Na cidade de Guaratuba, no início dos anos 1990, sete pessoas foram denunciadas por supostamente terem participado de um ritual para matar uma criança. Na época, alguns suspeitos alegaram que a confissão tinha sido feita sob tortura, mas isso nunca havia sido provado. Até que no dia 10 de março de 2020, o jornalista e podcaster Ivan Mizanzuk soltou o 25º episódio da temporada — chamado “Sete Segundos” —, que mudaria essa história para sempre. Novos áudios com gritos de dor, ameaças e respiração ofegante revelaram que de fato a confissão foi coagida. O podcast acabou virando um livro e até uma série de TV, no Globoplay.



O SUCESSO de todos esses produtos culturais expõe uma verdade simples: somos atraídos por mistérios. Mais do que entender como alguém pode ter sido tão cruel ou o que leva uma pessoa a cometer atos tão horríveis, talvez a gente queira vivenciar a experiência e compreender melhor o caso, mas sem a parte de efetivamente correr perigo — claro.

Apesar de os programas citados serem atuais, essa obsessão não é novidade. Existem registros de que no século XVIII o pessoal já gostava de um crime real. E a gente desconfia que a galera

das cavernas também já curtia, só era mais difícil juntar todas as informações.

Um dos registros mais interessantes de produção cultural de *true crime* de antigamente são uns panfletos, chamados *execution broadsides*, que eram vendidos antes da execução de criminosos. Nessas folhas impressas apenas em um dos lados, geralmente havia uma ilustração do criminoso, uma imagem e um texto com a descrição do crime cometido e, às vezes, um resumo do julgamento ou até uma confissão. Alguns ainda contavam com uns versinhos com uma lição de moral, para que o leitor não seguisse o exemplo do criminoso e acabasse como ele. Conteúdo de crime real junto com a execução do criminoso, tudo ali para o “deleite” do público.

Caso o sujeito perdesse o momento da execução por conta de algum grande compromisso do século XVIII, era possível adquirir o seu *execution broadside* depois. Ufa! Que alívio.

Entre os anos de 1735 e 1868, mais de nove mil pessoas foram executadas na Inglaterra por cometerem crimes capitais. Entre os crimes estavam: roubos e assaltos, sodomia (sexo anal), provocar incêndio, falsificações e traição ao país! **Bizarro, né?**

Mais tarde, o Império Britânico expandiu suas colônias para a África e a Ásia e se tornou a nação mais poderosa do mundo. As grandes transformações econômicas e culturais originadas da Revolução Industrial, juntamente com o crescimento populacional, trouxeram consigo uma intensa desigualdade.

Enquanto a burguesia chafurdava na arte e na moda, a classe trabalhadora morria em situações de insalubridade.

Foi justamente nessa época que surgiram publicações de ficção e terror que ficaram conhecidas como *penny dreadful*. Sim, tem uma série de TV com esse nome, e é justamente em referência a esses livretos. As obras custavam um centavo, por isso o *penny*. E elas contavam casos de crimes, detetives, assassinatos, envenenamentos, mortes, tortura — algumas até falavam de vampiros e outros seres sobrenaturais —, por isso *dreadful*, que significa “terrível”. A tradução de *penny dreadful* seria algo como *centavos do terror*. As histórias contadas podiam ser completamente inventadas, baseadas em mitos ou até em acontecimentos reais. Sim, a galera já era fanfiquera naquela época.

No fim do século XIX, surgiram umas revistas impressas em papel barato, com muitas histórias bizarras — de autores que vieram a ficar muito famosos depois — e que tinham substituído de certa forma as *penny dreadfuls*, pois tratavam dos mesmos temas. Essas revistas, que se popularizaram muito entre 1920 e 1940, ficaram conhecidas como *pulp magazines*, e as histórias impressas nelas, como *pulp fictions*. Foi daí que Quentin Tarantino tirou a referência para o seu filme de 1994 que se tornou um clássico.

As *pulp fictions* eram uma espécie de entretenimento rápido, não tinham grandes pretensões. As revistas eram conhecidas por trazerem histórias sensacionalistas e capas apelativas, com bastante violência gráfica. A expressão *pulp fiction* durante um tempo significou histórias de qualidade inferior, mas elas faziam muito sucesso. Alguns super-heróis das histórias em quadrinhos, por exemplo, vieram da literatura pulp. O Zorro, um dos personagens mais famosos da cultura pop, nasceu aí.

Em 1924, começou a ser publicada nos Estados Unidos a revista *True Detective*, que vendeu milhões de cópias e depois de alguns

anos em circulação virou uma publicação totalmente voltada para crimes reais. (Também existe uma série com esse nome.)

Na década 1930, a famosa revista *New Yorker*, que existe até hoje, começou a publicar uns perfis de criminosos, para tentar competir com todo esse material sobre crimes.

O fascínio por crimes reais sempre foi tão impressionante que, no final do século XIX e início do século XX, alguns autores se renderam ao tema e ficaram muito famosos escrevendo sobre crimes ficcionais, com personagens que ganharam bastante notoriedade. *Ora, Ora, será que temos um Xeroque Rolmes aqui?* Não tem como não citar o mais famoso deles: **Sherlock Holmes**, o grande personagem de ficção da literatura britânica criado pelo médico e escritor Sir Arthur Conan Doyle. O autor se inspirou no Dr. Joseph Bell, seu professor de medicina da Universidade de Edimburgo, na Escócia, para criar o personagem. Holmes, que talvez seja o detetive mais famoso da cultura pop, já apareceu em diversos livros, filmes, séries e inspirou muitos outros personagens. O próprio Doutor House, da série de ficção *House*, foi inspirado em Sherlock Holmes. O médico que não mede esforços para diagnosticar seus pacientes é ótimo na arte da observação e investigação — mesmo que isso às vezes signifique invadir uma propriedade privada!

E não podemos deixar de citar a **Rainha do Crime: Agatha Christie**. A autora britânica é até hoje uma das maiores escritoras do mundo, famosa por seus romances policiais e histórias de suspense e mistérios. Escreveu mais de setenta livros, que resultaram em dois bilhões de exemplares vendidos no mundo inteiro.

Você sabia que Agatha Christie já ficou onze dias desaparecida e foi a primeira vez que os ingleses usaram aviões para procurar alguém? No fim, ela estava hospedada num hotel de luxo usando um nome falso — o mesmo sobrenome da amante do seu marido.

Ícônica!



Voltando ao *true crime*, um dos primeiros livros a tratar de forma específica um crime real foi o **A sangue-frio, do americano Truman Capote**. Fruto de uma intensa investigação, a obra foi publicada originalmente em 1965 e conta a história verídica da chacina da família Clutter, em uma fazenda no Kansas, nos Estados Unidos. A família era formada por Herb Clutter, o pai, Bonnie Clutter, a mãe, e dois filhos do casal, Kenyon e Nancy, ainda adolescentes.

No dia 15 de novembro de 1959, dois homens invadiram a propriedade e amordaçaram todos os membros da família, que em seguida foram assassinados com tiros de espingarda. Poucos meses depois, Richard Hickock e Perry Smith foram presos e condenados à morte na forca, o que ocorreu em 1965. A obra, publicada logo depois, ficou conhecida no mundo inteiro.

Após o crime, Truman se mudou para Holcomb, a cidade em que os assassinatos ocorreram, e investigou o caso de perto. Entrevistou familiares, pesquisou documentos oficiais, leu cartas e conheceu os acusados. Ele se dedicou tanto ao caso que existe um boato de que teria se envolvido romanticamente com um dos assassinos, Perry Smith. Se é verdade, nunca saberemos, mas no dia em que os assassinos foram enforcados, Capote passou muito mal e só assistiu à execução de Hickock.

Hoje o gênero de *true crime* já é considerado “**infotainment**”, que é um nome chique que andam usando para dizer que algo é informação com entretenimento. Quando assistimos a uma série sobre um crime, realmente nos distraímos e, ao mesmo tempo, aprendemos muitas coisas. As produções culturais sobre crimes são consideradas atualmente uma forma de entretenimento válida, o que nos leva à seguinte questão: será que hoje em dia Truman Capote teria levado o prêmio? A gente acha que sim!

Em 1974, o livro *Helter Skelter*, de Vincent Bugliosi, também foi um sucesso. Bugliosi foi o promotor do caso Tate-LaBianca,

como ficaram conhecidos os crimes da seita de Charles Manson. Segundo a pregação de Manson, logo haveria uma grande guerra racial, em que os negros venceriam, mas ficariam perdidos porque, segundo ele, seriam incapazes de exercer seu domínio.

Ou seja, ele era líder de uma seita que pregava amor livre, paz e amor, mas só para quem fosse branco. Ele chamou a guerra de Helter Skelter, por causa de uma música do Álbum Branco dos Beatles, cuja letra, segundo ele, fazia essa previsão. Só que essa guerra nunca acontecia... Talvez porque ela só existia na cabeça racista de Manson?

Enfim, a guerra não rolou, então eles acharam que seria melhor que eles mesmos a começassem. Os seguidores da seita invadiram duas casas e mataram todas as pessoas presentes. Na casa da atriz Sharon Tate morreram cinco pessoas e, depois, no lar da família La Bianca, um casal foi assassinado.

No livro *Helter Skelter*, o promotor destrincha a investigação que terminou com a prisão de Manson e dos membros da Família, como o grupo se autodenominava. A obra é até hoje o primeiro best-seller de crime real, deixando o livro do Capote em segundo lugar.

A indústria cultural norte-americana de certa forma molda nossos interesses e curiosidades, e é por isso que a gente acaba ficando familiarizado com siglas que não significam absolutamente nada no Brasil, como FBI e CSI. (Se você não sabe, pode deixar que vamos explicar.)

Um dos maiores sucessos cinematográficos que retratam como funciona o FBI é a ficção *O Silêncio dos Inocentes*, de 1991. Nesse famoso filme de suspense, uma jovem estagiária do FBI chamada Clarice Starling (Jodie Foster) pede ajuda a um prisioneiro — o famoso canibal Hannibal Lecter (Anthony Hopkins) — para prender outro *serial killer* conhecido, Buffalo Bill.

O filme conta com uma série de referências bem conhecidas de quem ama *true crime*. Logo no início, Clarice chega a uma sala

do FBI em que há um quadro cheio de fotos de um *serial killer* e post-its com informações que a polícia conseguiu reunir até ali. Capas de jornal, fotos de cena de crime, informações sobre o *modus operandi*: a cena clássica.

Sabe-se que o filme foi uma adaptação do livro homônimo de Thomas Harris, que, por sua vez, se inspirou nos famosos John Douglas e Robert Ressler, membros da Unidade de Ciência Comportamental do FBI. (Tanto Douglas quanto Ressler lançaram obras contando como era entrevistar criminosos como Ted Bundy, Ed Kemper, Charles Manson, entre outros. *Mindhunter*, da Netflix, por exemplo, é baseada no livro de Douglas.) Ou seja, o FBI já estava testando essa técnica de aprender com o criminoso, e talvez *O Silêncio dos Inocentes*, mesmo de forma ficcional, tenha sido a primeira obra a mostrar a importância desse trabalho.

Para interpretar o canibal, Hopkins estudou diversos arquivos de assassinos, visitou prisões e até participou de algumas audiências de *serial killers*.

Nos anos 1990, a apresentadora de TV Martha Stewart estava saindo com Anthony Hopkins. Na época do lançamento do filme, surgiram vários rumores de que ela ficou tão perturbada com a caracterização de Hannibal Lecter que foi incapaz de dissociar a imagem do personagem da do seu namorado e **TERMINOU O RELACIONAMENTO**. Depois ela disse que não foi bem assim, que eles só tinham saído poucas vezes para jantar, mas confessou que não conseguia parar de pensar em Hannibal Lecter enquanto comiam. **Bizarro, né?**

O canibal Lecter se tornou um dos personagens mais assustadores do cinema, apesar de nesse filme ele só aparecer em tela durante dezesseis minutos.

O filme faz muitas referências a *serial killers* conhecidos. Buffalo Bill, o assassino que Clarice Starling está perseguindo, retira a pele das vítimas tal qual Ed Gein, que matava as mulheres, tirava suas peles e costurava partes delas em objetos e móveis de sua casa. Em uma das cenas que Buffalo ataca uma vítima, ele tem o braço engessado e finge que precisa de ajuda, algo que havia sido feito por Ted Bundy, outro famoso *serial killer*.

O *Silêncio dos Inocentes* recebeu cinco Oscars e arrecadou 272,7 milhões de dólares de bilheteria no mundo todo. O diretor, Jonathan Demme, e o elenco foram até o FBI para se preparar para as filmagens. O ator Scott Glenn, que antes acreditava na reabilitação e na bondade das pessoas, ao ser levado para uma salinha cheia de fotos de crimes e gravações dos assassinos matando suas vítimas, chorou e saiu de lá convencido da necessidade da pena de morte. Ele disse que não tinha noção de que existiam pessoas capazes de fazer coisas tão horríveis.

Entre as décadas de 1980 e 2000, muitos programas de TV de crime tiveram grande audiência. Nos Estados Unidos, havia o *Mistérios sem Solução*, *Forensic Files* e *Dateline NBC* (este último ainda no ar). No Brasil, havia o *Linha Direta*, que foi exibido entre 1999 e 2007 na Rede Globo e mostrava casos sem solução ou cujos criminosos estavam foragidos da polícia, sempre com reconstituições. No fim do episódio, divulgavam um número de telefone (e posteriormente um site) para, caso o espectador soubesse de alguma informação relevante, fazer uma denúncia, com anonimato garantido. Quase quatrocentos criminosos foram presos. Em um presídio do Recife, três presidiários ganharam os apelidos de Linha Direta 1, 2 e 3.

A partir dos anos 2000, o número de filmes e séries sobre crimes reais aumentou consideravelmente, e, logo depois, quando começou a onda dos podcasts com essa temática, muitos jornalistas resolveram investigar crimes antigos usando o formato.

Finalmente chegou a hora de falar da nossa ídola, Michelle McNamara! Em 2006, Michelle criou um blog chamado *True Crime Diary* para falar sobre vários crimes reais, sobretudo os casos sem solução, nos quais era viciada. E ela escrevia de forma tão sensacional que o blog bombou muito rápido. Uma das coisas que chamam atenção no estilo dela é como ela fugia do sensacionalismo, a maneira como conversava com as famílias das vítimas e respeitava suas histórias. Não se tratava apenas do caso em si, mas também dos sentimentos dos envolvidos.

Em determinado momento, ela ficou obcecada com o *serial killer* Golden State Killer (O Assassino do Estado Dourado), apelido dado pela própria Michelle. Esse criminoso foi responsável por treze assassinatos e pelo menos cinquenta estupros, todos cometidos entre as décadas de 1970 e 1980, na Califórnia, mas o caso nunca tinha sido resolvido. E isso tirava o sono de Michelle mesmo décadas depois.

Ela pesquisava tudo que podia: viajou para conhecer o local em que ele atuou, conversou com pessoas e detetives envolvidos no caso... Esse material se transformou em artigos para a *Los Angeles Magazine* — o mais famoso, publicado em março de 2013, se chama “Nas pegadas de um assassino”. A matéria explodiu, foi um sucesso, e ela recebeu um e-mail do agente literário Daniel Greenberg para escrever um livro sobre o caso.

Michelle foi ficando cada vez mais obcecada e só pensava nisso e falava disso o tempo todo enquanto escrevia o livro *I'll Be Gone in the Dark* (lançado no Brasil com o título *Eu terei sumido na escuridão*), uma frase que o criminoso tinha dito para uma de suas vítimas.

Com o manuscrito ainda sendo redigido, no dia 21 de abril de 2016, aos 46 anos, Michelle morreu enquanto dormia. Na autópsia, descobriram que ela tinha um problema no coração. Contudo, o laudo afirmava que não havia sido apenas essa a causa da morte, mas a combinação dessa condição com o efeito de vários medicamentos. O manuscrito foi finalizado pelos escritores de crimes reais Paul Haynes e Billy Jensen e pelo marido da própria Michelle, o ator Patton Oswalt.

O livro foi publicado em fevereiro de 2018 e, dois meses depois, no dia 24 de abril, o nome por trás do Golden State Killer foi descoberto: Joseph James DeAngelo Jr., um homem de 72 anos. O trabalho de Michelle McNamara foi muito importante para que houvesse uma pressão para a conclusão do caso.

Em 2019 surgiu um podcast chamado *Modus Operandi!* (Sim, estamos falando de nós em terceira pessoa). O *Modus Operandi* é o podcast de *true crime* mais ouvido do Brasil!

Caso você não faça ideia de quem a gente é, muito prazer! Nós contamos várias histórias de crimes reais, uma por episódio. Tem desde aqueles mais famosos, como Ed Kemper e Ted Bundy, até os mais desconhecidos ou recentes, como a história da Eloá, que foi mantida em cativeiro na própria casa junto da amiga Nayara. Além dos episódios com os casos, a gente tem dois programas dentro do podcast: o “Caso Bizarro”, em que a Mabê conta histórias sem solução, sobrenaturais e coisas estranhas em geral, e o “FAQ”, em que a Carol tira dúvidas comuns do público, às vezes trazendo especialistas de determinadas áreas.

E eis que agora a gente também tem um livro! Agora, mais do que contar casos (vamos contar vários, não se preocupe), o objetivo é esmiuçar cada uma das peças que formam o quebra-cabeça de um *true crime*. Desde o crime, propriamente, passando pelo processo de desvendá-lo, até a investigação. Há também a análise

dos criminosos e tudo que acontece depois que eles são presos, além do labirinto que é um caso sem solução.

E no final você vai encontrar umas coisas bem legais, como um glossário — com alguns termos do mundo do *true crime* que usamos e que sempre aparecem nas séries e podcasts, para você não se perder em nenhuma parte do processo — e uma listona de filmes, séries, livros e podcasts — para você ir marcando quais desses conteúdos já viu ou ainda quer ver, *superinstagramável*.



Esperamos que este livro tenha muito *infotimento* e, para você ter certeza de que seu dinheiro foi bem investido, já damos uma dica fundamental: nunca fale com a polícia sem a presença do seu advogado.

Boa leitura!

O *true crime* – filmes, séries e livros que exploram a motivação e o desenrolar de crimes reais – é um dos gêneros mais consumidos no Brasil e no mundo atualmente. Aqui, um sinônimo de *true crime* é o podcast *Modus Operandi*, de Carol Moreira e Mabê Bonafé, que nasceu em janeiro de 2020 e angariou uma audiência gigantesca.

Agora, as duas trazem para o papel toda a experiência que acumularam em mais de cem episódios em um livro definitivo para quem quer saber tudo desse universo que conquista cada vez mais fãs.

Em *Modus Operandi: Guia de true crime*, as autoras abordam as principais bases do gênero de maneira simples, objetiva e bem-humorada. Entre capítulos sobre sistema de justiça, polícia, investigação, casos arquivados, *serial killers* e outros, a dupla descreve dezenas de crimes que impactaram o Brasil e o mundo, conta a história de assassinos em série e traz diversas curiosidades e fontes para quem quer saber mais sobre o assunto.

Com um visual atraente e um projeto gráfico diversificado ao longo de 400 páginas, *Modus Operandi* está pronto para repetir nas livrarias o sucesso estrondoso do podcast.

SAIBA MAIS:

www.intrinseca.com.br/livro/1177/